



A REVISTA

SUPLEMENTO DO NOVAS DA GALIZA / NÚMERO 3



AGRESSONS HUMANAS SOBRE O MEIO NATURAL





Serra do Jurês. Castelo granítico onde podemos observar umha pedra cavaleira rematando o conjunto

A paisagem granítica da Galiza (II)

Segunda entrega da série 'Percorrendo as paisagens galegas'

SERAFÍN R. GLEZ. / Falávamos na entrega anterior de que o processo de alteração do granito dos nossos montes dá lugar a formas curiosas que podemos encontrar em muitos lugares da nossa geografia. Vejamos em seguida alguns exemplos:

Os penedos ou bolos

Num percurso pelas Rias Baixas ou polo parque do Jurês, ainda que nom sejam exclusivos destes lugares, é frequente encontrar no meio do monte enormes penedos ou bolos de formas mais ou menos esféricas; a sua origem está relacionada com a existência dessa rede de diáclases em forma de malha ou quadrícula que favoreceram a meteorização do granito e no qual esses penedos constituem as partes ainda intactas da rocha

Num momento dado, em condições ambientais caracterizadas pola aridez (resistaxia) nas que o solo estava mais desprotegido por ser a cobertura vegetal mais pobre, esses penedos serán exumados ao ser arrastado o manto de alteritas (xabre) que os recobre, dando como resultado a presença na paisagem desses penedos ou bolos tam característicos dos nossos montes. É este um processo que em certa medida nos recorda o que ocorre depois dum incêndio florestal, em que com as primeiras chuvas desaparece a camada de solo que demorou milhares de anos a se formar, surgindo a rocha que até esses momentos nom aflorara à superfície.

Segundo a disposição que adoptam estes bolos ou penedos podemos falar de castelos ou Tor, denominação muito gráfica polo aspecto visual dos mesmos, em que os grandes penedos aparecem amontoados uns em cima dou-

tros, com umha certa ordem, culminando os outeiros e nos quais ainda é possível observar a rede de diáclases que os originaram. O topónimo "castelo", que aparece em muitos montes do nosso país, faz com muita frequência umha clara alusão às características visuais deste elemento paisagístico. Quando o que temos perante nós é o simples amoreamento de penedos soltos de diferentes tamanhos e formas, o termo que soe empregar-se é o de "barrocal".

"Pedras cavaleiras" e pedras de abalar

Ocorre, noutros casos, que algum desses penedos ficou pousado num equilíbrio precário sobre outro, dando a sensação de que um simples empurrar pode fazê-lo rolar; neste caso estaríamos na presença das denominadas pedras cavaleiras por assemelhar-se a um cavaleiro sobre a sua montura. A sua presença é também muito frequente nas nossas paisagens a pouco que fixemos a nossa atenção. Pode ocorrer que alguns destes penedos podem chegar a ter um certo movimento por ter umha superfície mínima de sustentação: som as nossas pedras de abalar, das quais podemos encontrar muitos exemplos nos nossos montes.

Em muitas ocasiões, estes penedos, ao se deslocarem, aparecem apoiados uns contra outros, deixando alguns espaços mais ou menos amplos entre eles, o que dá lugar a pequenos passadiços e covas que fam as delícias dos cativos, mas que também sabem aproveitar animais e pastores como improvisados refúgios. Cumpre lembrar que muitos destes penedos servírom no palolítico e no neolítico como abrigos rochosos ao home pré-histórico, como está a demonstrar a arqueologia, ao cum-



Cova no Monte Aloia, em Tui

prir as mesmas funções que as covas cársticas doutros lugares da Península. Em tempos mais recentes servírom de refúgio a pastores e ao gado mostrenco, especialmente nos duros dias de invernia nas serras do País.

Às vezes, a disposição destes penedos deu lugar a formações tam sugestivas que as lendas acabaram por enraizar, como é o caso da formação granítica de Portalém em terras de Cotobade, em que a disposição dos grandes penedos assemelham umha grande porta que pom em contacto o mundo dos vivos com o além, segundo a lenda.

Umha boa rota para observar muitos destes penedos temo-la no Monte Aloia em Tui, no Concelho de Ponte-Areias com o seu roteiro dos "Penedos", ou no parque natural de Peneda-Gerês, na zona de Castro Laboreiro em Portugal.

Os domos

Um caso diferente som as formações denominadas domos, superfícies de forma semiesférica ou

cupular, mais ou menos lisa, que nos recorda os lombos duma baleia, nome com que também som conhecidos. A existência dos mesmos deve ser relacionada com a presença de diáclases paralelas mais ou menos curvilíneas que favoreceram a erosão em camadas do granito (escamação). Nalguns casos, estes domos podem desenvolver paredes lisas que tendem à verticalidade, caso em que podem dar lugar a formas tam espectaculares que nos recordam os denominados "paos de açúcar" das zonas tropicais, como o tam conhecido do Rio de Janeiro, no Brasil.

Na Galiza, temos alguns exemplos no Faro de Budinho em Pena Corneira, esta última em Leiro na comarca do Ribeiro.

A erosão mecânica, especialmente a devida à ação do gelo, também contribui de forma significativa para a criação de algumas das nossas paisagens graníticas.

É o caso das zonas que na actualidade ou que no passado

(Pleistoceno) estivêrom submetidas às condições dum clima periglaciário caracterizado pola alternância dos períodos gelo/desgelo. Nestas condições, a água, ao se filtrar pelas diáclases e aumentar de volume ao se congelar, fijo com que a rocha se quebrasse como se da cunha dum canteiro se tratar (gelifracção). O resultado é a presença em muitos dos nossos cumes de cristas agudas e dentadas, com arestas, que temem um manto de clastos ou derrubios ou aos seus pés. Na Galiza Oriental e Suroriental, especialmente no Jurês e no Maciço de Maceda, é facilmente identificável este tipo de paisagens.

Quando foi o gelo dos glaciares o que em forma de morenas transportou os penedos graníticos deixando-os amoreados, o resultado fôrom paisagens tam espectaculares como as de Chaguazoso na Serra de Queixa onde a morena chega aos mesmos pés da aldeia mais alta da Galiza.



A pressom sobre o meio natural

FOTO-REPORTAGEM



FOTOS E TEXTO: DE GZI-FOTO, GHATO
Umha das constantes que caracterizam a nossa era a nível paisagístico é a pressão, a cada dia mais visível, mais presente, da actividade humana sobre o meio natural. As artérias da urbe estrangulam o ecossistema. Porque hoje, no after-fraguismo, as relações entre arquitetura e natureza

são, como ontem, como amanhã, de agressão, de exploração e de submetimento. Panorâmicas das novas zonas fronteiriças entre ambas as realidades situam-nos num desaprazível tempo futuro, próximo e em avanço. Por isso, inevitavelmente, ao plasmar uma relação harmónica entre ambos mundos numa imagem, a plástica fotográ-

fica conota um tempo passado, remoto e em retrocesso.

Urbanizações, passeios marítimos, recheios, viveiros, centrais hidroeléctricas, minicentraís, tendidos, parques eólicos, parques eólicos no mar, parques ambientais, gaseiras, petroleiras, oleodutos, térmicas, celuloses, cimenteiras, minas a céu aberto, auto-estradas,

túneis, canais, polígonos industriais, portos exteriores, portos desportivos, lagoas artificiais, campos de golfe, teleféricos ou AVE... falam de futuro. Paisagens desintegradas, feridas abertas.

Apresento-lhes 6 instantâneas de diferentes relacionamentos possíveis entre a arquitetura e a natura. Para o público de A REVISTA.



Vulnerabilidade. Marinheiro frente aos tanques da Reganosa, bomba-relógio imposta na baía Ártabra. Uma "cacicada" temerária que pode acabar em tragédia.

Harmonia. Berenguela. Natal. Desde a cúpula de Antealtares, a igreja situada na ponta oposta da Praça da Quintana. O Pedroso ao fundo, e a vertical marcada pola própria torre. Posta de sol com um insólito sabor oriental.

Tensão. Descarga dum lóstrego no Campo de Lenha da Corunha. A luz chama a luz, a energia chama pola energia. A ilusão da fotografia produz o paradoxo. Desta, polos iguais, parecem atrair-se no arco voltaico traçado pola natureza.



Morte. Faro da ponta Roncudo, em Corme. As cruces levantam-se face à mar, em lembrança aos homens e mulheres que deixaram a sua vida a fainar nas suas águas. Trabalho e morte. Quem fica e quem não volta... O íntimo, o humano frente ao cósmico.

Toxicidade. "Mecheiro" da refinaria na praia de Nostiã. Imagem tomada dentro do perímetro acoutado. Agulha de aço com coroa de gases em combustão, contra o sol-pôr numa formosíssima cala. Totem fálico dum poder corporativo que desafia à natureza.

Desamparo. Cárcere da Lama, macro estabelecimento prisional erigido numa zona remota, bem longe de familiares e sociedade. A água enchoupa formando balsas. Do outro lado, mais de mil pessoas sem vistas. Estacionamento de mortos em vida nuns montes, afora, de barallete, de lobos e de guerrilheiros.



SEI O QUE FIGESTES...

NOS ÚLTIMOS 525 ANOS

www.seioque.com



Ignacio López-Chaves vestido para matar. O 'pepero-torero' sofre umha aparatosa colhida. O 'popular' matador de touros explica em conferência de imprensa como é que foi a mesma

Um 'torero' no Parlamento de Galiza

Há uns dias liamos no El Diario Montañés que o popular matador de touros Ignacio López-Chaves fora colhido polo seu primeiro touro da tarde:

Ignacio López Chaves fue cogido por su primer toro de la tarde

Aparatosa cogida la sufrida en la octava de la Feria de Santiago [de Compostela?] por Ignacio López Chaves que, con una cornada de quince centímetros (...)

Outros meios menos prosaicos (ABC, ANT, Libertad Digital, PGL, Vieiros...) também deram a notícia. Mas figeram-no tam poeticamente que afinal, com tanta metáfora, esta quase nem se entendia.

Felizmente em *Sei O Que Nos Figestes...* temos as imagens do que realmente aconteceu na feira santiaguesa:

Eram as cinco em ponto da tarde. Ignacio López-Chaves

enfrentava o seu primeiro touro da tarde, um *boy* de nome Bieito (bragado, astifino) da gadaria alaricana de Anxo Quintana.

O *pepero-torero*, que se acha muito engraçado, começou a pinchar no de Quintana com as suas habituais palhaçadas (que se "a Comissom 4.º do Parlamento de Galiza nom existe", que "de que comissom me vai expulsar?"...) mas este (que é de Seixo mas nom de pedra) nom se quiço deixar tourear e Ignacio López-Chaves (*laves truz*) acabou escorneado.

Aos microfones da *Radio Galega* (a rádio "de Galiza" ou "de Galicia?") Manuela López Besteiro, bandarilheira da quadrilha do Ignacio López-Chaves, queixou-se do (segundo ela) "tratamento injusto" recebido polo malfadado toureiro que ainda por cima teria de escutar da boca dum outro quintanista escarneador que o que tinha sob a montera era um "cérebro de mosquito".

Diário de... Gennara del Bruzzo

25/10/08 - Hermerico Pinheira dá a bombástica notícia (em rigorosa exclusiva) de que nom só PP e UPN andam com enfrentamentos, mas que as plataformas ridiculistas Sei o que nos Figestes... e Tan Gallego como el Gazpacho poderiam romper a que até o de agora foi umha aliança frutífera. Os motivos? Polos vistos, o excessivo protagonismo dos primeiros (que até temem página fixa num jornal soberanista...).

26/10/08 - Rosa Vallacastrón dá soluçom a um dos falsos mitos mais usados polos movimentos galegófobos. "El gallego no sirve para nada en cuanto sales por piedrafita...". A resposta, contundente: "Pois sai por Valença do Minho".

28/10/08 - O presidente da Junta, Tourinho, negou-se a colher na mao um panfleto oferecido pola plataforma Galicia Bilingüe. A resposta do nosso 'prési' foi similar à de umha cantante que anda este ano de moda, Amy Winehouse... "no, no, no".

29/10/08 - Mercê meios de absoluta confiança (como Libertad Digital) soubemos que *La Voz de Galicia* é realmente um agente encoberto do nacionalismo galego. Polos vistos, há livros de texto em galego com umha charge de Xaquín Marín que compara os galegos que querem parecer espanhóis (para o qual devem falar castelhano) com Michael Jackson, um negro que se quiço converter em branco. A notícia acompanhou-se com provas de que a *Voz* pratica o reintegracionismo inverso (segundo parece, costumam reproduzir em galego da Espanha declaraçons inicialmente dadas em português de Portugal). Também neste dia colocou-se no blogue o vídeo da manifestaçom ridiculista que tivo lugar no dia 19 na Corunha... impagáveis os comentários dos policiais!

30/10/08 - É um cao? É um esquiço? É um engendro? Talvez isto último... é um pseudo ouriço-cacho, é Gabi, a mascote de Galicia Bilingüe, que com o resto de "sus amiguitos" veio à capital galega recolher assinaturas para a sua "cruzada". Alguns "amiguinhos" nossos também foram lá recebê-los. Amor mútuo, deveras. Também neste dia Franco Vicoito opinou sobre as polémicas declaraçons da rainha espanhola, em particular polas apreciaçons homófobas. Para o amigo Vicoito, a única rainha boa é uma *drag queen*.

01/11/08 - Halloween, Samhain... porque escolher se o podemos ter tudo? Com Samhween e tudo solucionado!

04/11/08 - Jenaro Jesus Marinho (do Vale) realizou um necessário labor de memória histórica recuperando a figura de Ramon Soares Picalho polo centenário e pico do seu nascimento (114 anos, em concreto). Nom perdam o tempo lendo o meu resumo, que é melhor que o leiam em seioque.com (aqui deixam fazer auto-promos?).

06/11/08 - Um *torero* entrou no Parlamento da Galiza e saiu mal parado. O *diestro* foi o ínclito Ignacio López-Chaves, mas nom puido finalizar bem a *faena* porque o touro Bieito acabou por botá-lo fora. Outro dia será, Ignacio!

09/11/08 - Rosa Vallacastrón propom fixar o ponto exacto onde o galego deixa de ter utilidade, quer em Pedra Fita, quer noutra lugar. E mesmo há quem propom, inspirando-se nela, em marcar os fluxos de tempo ao estilo "o galego chegou até aqui na data XXXX". Interessante iniciativa, mas já sabemos que o galego (como a Galiza) só limita com o espaço exterior.

10/11/08 - Em 25 de Novembro será o centenário do nascimento de Jenaro Marinho (del Valle). Com motivo disso, diversos colectivos prepararam actos de homenagem, alguns já prévios a essa data, outros com posterioridade. Também nós quigemos render um pequeno tributo à memória do mestre.

12/11/08 - Polos vistos, um grupo de gente criou um sítio web para umha campanha destinada a que o dicionário da RAE elimine definiçons ofensivas para o verbete "gallego", em particular as de *tonfo* e *tar-tamudo*. Porém, Celso Álvarez Cázcamo repara em que ninguém protestou pola que talvez devesse ser mais polémica: "Ant., Arg., Col. y Ur. Dicho de una persona: Nacida en España o de ascendencia española". Estamos consigo, Celso... porque nom somos *tonfos*!